

VIII. Trabalho uma via de inserção social valorizada

Sonia Altoé

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALTOÉ, S. Trabalho uma via de inserção social valorizada. In: *Menores em tempo de maioridade: do internato-prisão à vida social* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 81-86. ISBN: 978-85-99662-95-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

VIII. TRABALHO UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL VALORIZADA

O trabalho funciona como um meio importante para que a inserção social ocorra. É a partir dessa categoria que o ex-interno se situa na vida e se define enquanto ser produtivo e aceito socialmente.

As preocupações na época, da FUNABEM, mostraram que o trabalho estava sendo valorizado como forma de facilitar tal inserção. Através do CAP procurava-se eliminar o estigma que existe em tomo dos alunos da FUNABEM. Entretanto, pudemos observar que apesar do convênio que a empresa estabelecia com a FUNABEM, ainda existia por parte dos funcionários destas empresas uma certa discriminação para com os internos e ex-internos. Ronaldo nos fala claramente sobre tal situação quando conta que, ao assumir um estágio, ainda como interno, era visto pelos colegas de trabalho como uma pessoa que poderia praticar furtos.

– Quando eu comecei aqui (no trabalho), uma coisa que eu gravei, até hoje, foi ouvir falar: ‘Guardem as bolsas que agora tá vindo menor da FUNABEM aí’. Era eu e eu escutei ela falar isso. Não esquentei... Primeiro deixei ela me conhecer... (Ronaldo, 20 anos).

O ex-interno após o desligamento procura fugir do estigma e muitas vezes, como dissemos anteriormente, nega sua passagem pelo internato. O que se percebe é que a sociedade está incutida da ideia de que os internatos para menores não formam pessoas com atributos que as permitam ingressar na sociedade.

Além do estigma, muitas são as dificuldades que o ex-interno enfrenta para que consiga se inserir no mercado de trabalho que é altamente competitivo e escasso. A seguir, trataremos das seguintes dificuldades por eles apontadas: falta de apoio familiar, formação profissional inadequada e salário precário.

A falta de uma rede de relações sociais dificulta o ingresso do ex-interno no trabalho. Para aqueles que mantiveram a relação familiar, existe uma possibilidade maior de conseguirem um emprego na medida em que as relações familiares podem funcionar como um mediador. O fato de estar morando com a família não tendo que se

preocupar de imediato com moradia e alimentação, dá ao indivíduo mais tranquilidade na busca de um emprego. Porém, para os que não têm família, as dificuldades de conseguirem um trabalho são maiores ainda, visto que se encontram sozinhos, não podendo contar com a infraestrutura básica que é oferecida pela família. Assim, sem o apoio familiar e com os baixos salários que recebem torna-se inviável para os ex-internos o pagamento efetivo de casa, comida e transporte.

– Quer dizer, a posição que eu tenho dentro da indústria é uma posição bem alta em relação a quem já está lá dentro. Se o meu irmão tá na firma que tá, ele tem uma posição bem alta pra quem começou também. Então quer dizer, só por causa de família, de minha mãe, vamos supor; se não fosse isso, talvez eu não tivesse nem emprego, como acontece com muitos alunos que não arrumam emprego, que tá marginal por falta de apoio; porque a FUNABEM não sabe instruir o aluno (Heraldo, 20 anos).

Os ex-internos consideram que com sua sobrevivência garantida não há necessidade da realização de pequenos furtos. Assim, o apoio familiar é muito importante para que estes jovens consigam encaminhar suas vidas.

– Agora não tem emprego, não tem casa, não tem lugar para dormir. A pessoa vai pra onde? Que opção ela tem? Ela vai assaltar, vai roubar, vai matar ... (Luis Carlos, 24 anos).

O baixo grau de escolaridade e a formação profissional inadequada dos ex-internos são fatores que dificultam enormemente o acesso mais rápido a um trabalho. Na sua grande maioria, os ex-internos são preparados para exercer profissões em que a remuneração é muito baixa, gerando com isso um conflito, na medida em que o baixo salário não garante a qualidade de vida que tinham no internato. A maioria dos entrevistados não conseguem trabalho dentro da especialização profissional¹⁸ aprendida no internato. O ensino profissional oferecido pela FUNABEM não era adaptado às exigências práticas do mercado de trabalho. A preparação dos internos mostra-se ineficaz mediante tais requisitos. Quando saem, os

¹⁸ Os principais cursos profissionalizantes que a FUNABEM oferece são os seguintes: Mecânica de auto, Lanternagem de auto, Marcenaria, Sapateiro, Gráfica, Torneira mecânico, Eletricista e Cozinheira.

ex-internos não se encontram preparados para engajar nas suas respectivas profissões.

U ma característica apresentada pela maioria dos entrevistados é a grande rotatividade de emprego. Relatam a dificuldade de aceitar ordens dos patrões, não conseguindo se submeter a tal autoridade. A distância entre o local de moradia e o trabalho, o cumprimento de horários e o baixo salário são também apontados por eles como fatores desencadeantes desta rotatividade.

- ... Eu trabalhei numa quitanda, trabalhei numa farmácia, mas eu era muito respondão, tinha pouco estudo, segunda série. Então, quando o patrão viesse me perguntar alguma coisa eu respondia. Foi daí então, então que eu enveredei para o crime, idade nova uns 18 ou 19 anos enveredei para o crime (Henrique, 31 anos, detento).
- ... Fiquei mais ou menos 4 meses lá em cima. Não gostei, pedi demissão.
(- Não gostou do trabalho, por que?)
- Por ser longe, né! Ainda morava aqui. Muito longe. O tipo de clínica lá ... Clínica Médica-cirúrgica não era o meu forte.
(- Mas, ser longe, dificultava?)
- É, dificultava para mim. Eu nunca tinha trabalhado assim, antes, né! Saído daqui ... (Lúcio, 28 anos).¹⁹

Entretanto, os ex-internos consideram que a existência de um funcionário que ficasse responsável por ajudá-los no desempenho de suas atividades possibilitaria uma melhor adaptação, bem como estabilização no emprego. Estes jovens também valorizam os colegas de trabalho, pois consideram que a formação de um círculo de amizades facilita a formação de relações sociais.

- Aí fiquei, hoje sou funcionário, passei pro quadro permanente. E aqui é muito bom! Gostei! O pessoal me apoiou muito, me ajudou. Não tive nada a dizer deles. Sempre me apoiaram, sempre me ajudaram em tudo. Também não

¹⁹ Lúcio é de Minas Gerais, veio para o Rio ainda bebê com sua mãe que foi trabalhar na FACR como cozinheira. Aos cinco anos foi internado na creche e passou sua infância e adolescência nos internatos desta fundação. Aos 18 anos, apesar de ser desligado do internato, continuou fazendo da fundação seu local de moradia junto à mãe, e atualmente, além de morar, ele trabalha como auxiliar de enfermagem.

atrasam, aqui eles não atrasam (o pagamento) (Evandro, 20 anos).

O ex-interno considera que é através do trabalho que poderá ter assegurados moradia, alimentação, vestimenta e lazer. Esta representação dos ex-internos faz parte da visão produtivista dominante, onde o trabalho define a inserção social do indivíduo. Aquele que não produz está à margem da sociedade. Consideram assim, que não podendo garantir seu sustento a única saída que se lhes apresenta é a rua e os meandros de pequenas atividades de “lucro fácil” que os enredam no mundo da marginalidade para assegurar sua sobrevivência.

O ex-interno que consegue um trabalho, não raro, recebe um salário que não é suficiente nem mesmo para assegurar o seu sustento. Para alguns ex-internos o salário recebido muitas vezes não dá sequer para cobrir as despesas com moradia e alimentação. Assim, ele privilegia a realização de biscates que complementem a renda salarial. É importante ressaltar que aqueles que possuem as necessidades básicas asseguradas seja pela família, seja pelo internato, investem seu salário em estudo. Quando falamos de internato, nos referimos àqueles que, após o desligamento, permanecem no internato trabalhando e morando. Estes jovens apresentam uma enorme dificuldade de buscar uma outra opção de emprego, mesmo sabendo que poderiam conseguir um salário melhor. Na verdade, eles não conseguem se desvincular do internato e se mantêm submissos às suas regras observando um comportamento semelhante ao de quando ainda era menor (ver Moradia).

É comum que o ex-interno não consiga fazer uma contabilidade de seu salário e gastos possíveis. Nos parece que o fato de ter sido assistido até aos 18 anos é determinante na dificuldade de contabilizar o seu dinheiro. O primeiro salário possibilita ao ex-interno acesso ao lazer e a descoberta dos prazeres da vida. Fernando nos mostra em seu relato a alegria que tal descoberta proporciona.

- Ganhava 50 cruzeiros na época. Toda semana, aquilo... No início para mim era festa. Todo dia tava em baile, cinema, né. Todo final de semana ia à praia. Eu fiz coisas do arco da velha que eu não fazia, né dentro do colégio, né. Por causa da

barreira disciplinar. Então, quer dizer, lá não. Lá eu já tive essa liberdade. Aqui dentro, aliás, da Fundação, né. Foi uma glória. (Fernando, 25 anos).

No caso supracitado, o uso do salário com lazer não acarretou nenhum problema, sobretudo, porque ele mora no internato e tem asseguradas suas necessidades básicas. Entretanto, os jovens abandonados sem referência familiar e sem um apoio do internato acabam por ficar sem dinheiro para pagar o aluguel da pensão ou quarto que ocupam.

Já para aqueles que voltam a morar com a família, a interferência de um de seus membros nesta contabilidade é considerada extremamente negativa e vista como uma intromissão. O ex-interno se resguarda o direito de decidir o que quer fazer com seu salário.

(- Como é isso de “conhecido” se meter muito na sua vida?)

– Achaque tem direito, quer saber, quer metera mão, quer tomar conta do seu dinheiro, essas coisas assim. Essa minha tia, por exemplo, ela queria controlar. Achava que tinha me ajudado muito, não sei quê, não sei se foi falta de... Sei lá, sei que foi falta de concordar, não reconhecia.

(- Como é que era controlar o seu dinheiro?)

– Ela queria guardar, guardar em caderneta, ela queria decidir com quanto que eu ia ficar (Eliza, 19 anos).

Dentre os entrevistados encontramos as seguintes profissões: garçom, gráfico com especialidade em off-set, trocador de ônibus, porteiro de hotel, serviço de limpeza, taifeiro, encadernador, desenhista, bancária, professora primária, secretária, auxiliar de enfermagem, contador. É importante ressaltar que grande parte dos ex-internos detentos encontravam-se trabalhando quando foram presos pela polícia por estarem cometendo um delito. Nos parece então, que alguns jovens, além do trabalho, procuravam outras formas de obter um ganho extra para complementar o salário.

Esta observação se torna ainda mais enfática quando se tem os resultados do recente censo²⁰ sobre a população carcerária do Rio de Janeiro. Dos 8.672 presos, 5.289 (61%) trabalhavam quando foram condenados.

²⁰ Este censo foi realizado pela Secretaria de Justiça e Planejamento com a participação do IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.